

etnografia & emoções

Os autores:

1. Carlos Ramos de Oliveira, Catarina Casanova, Cristina UdelsmannRodrigues, Fernando Florêncio, José Carlos Gomes da Silva, Lúcio Sousa, Luís Silva Pereira, Manuel João Ramos, Paulo Seixas, Ramón Sarró, Sónia Frias, Susana Garcia, Susana de Matos Viegas, Xerardo Pereiro.

2. Albino Cunha, Andrea Valente, Dora Martins, Maria da Luz Ramos.

3. Alexandra Serangonha, Ana Vilela, Bárbara Freitas.

Sónia Frias
(organização)

etnografia & emoções

etnografia & emoções

s · ó · n · i · a · f · r · i · a · s
(organização)

Universidade Técnica de Lisboa
INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS
Lisboa 2008

ISBN: 978-989-646-016-7



9 789896 460167



Lisboa 2008

O Antropólogo e as Culturas Turísticas: Uma experiência de investigação entre os Kuna do Panamá (*)

Xerardo Pereiro

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

“Toda viagem de 1000 léguas depende do primeiro passo, porque é o que marca a direcção”

(Ditado chinês)

1. Antropólogos e turistas

A pesquisa sobre turismo tem sido considerada, até há bem pouco tempo, algo banal e frívolo entre os cientistas sociais (Wallace, 2005). Lembro-me como um colega antropólogo me contou que imaginava o nosso trabalho de campo no Panamá frequentando diariamente a praia e comendo marisco todos os dias. Não vale a pena explicar as poucas vezes que tomamos banhos de mar, pois, por mui certo que seja, a imagem dominante destes terrenos e destes objectos é exotizada entre os próprios cientistas sociais, que colocam sob suspeita tal actividade investigativa.

O estudo do turismo não foi considerado, pelas ciências sociais, como algo legítimo até há bem pouco tempo. Isso deveu-se ao facto de o antropólogo não gostar de que o confundissem com os turistas e as suas práticas. O antropólogo gosta de se diferenciar deles, como um profissional

(*) Este texto foi escrito enquadrado no projecto de investigação CID07-009 apoiado pela “SECRETARÍA NACIONAL DE CIENCIA, TECNOLOGÍA E INNOVACIÓN (SANACYT)” do Governo da República do Panamá.

Muito agradeço à minha colega Isabel Costa (UTAD) a revisão, comentários e sugestões na construção deste texto.

que realiza investigação séria. O certo é que só recentemente, este objecto de estudo tem uma atenção prioritária para a antropologia. Isto, talvez, porque é hoje impossível ignorar o turismo e os turistas em qualquer contexto em que o antropólogo ou antropóloga trabalhem, mas também ao grande peso da indústria turística na economia mundial. Na actualidade, uma das revistas de investigação científica mais importantes do mundo, *Annals of Tourism Research*, é dirigida por um antropólogo, Jafar Jafari, e aproximadamente 15% dos artigos publicados são de antropólogos (Wallace, 2005). Isto dá ideia do peso da antropologia na investigação sobre turismo.

Foram muitos os antropólogos que reflectiram sobre a relação entre antropólogo e turista enquanto desempenho de papéis. Alguns como Claude Lévi Strauss, na sua famosa obra “Tristes Trópicos”, confessa que odiava viajar e os viajantes (Crick, 1995). Mas, na minha perspectiva, o antropólogo não deixa de ser em parte um viajante, ainda que com uma formação teórica e um olhar metodológico particulares. Em muitos contextos o antropólogo do turismo é até visto como um turista, um estudante ou um professor curioso. Podemos questionar-nos: em que medida o antropólogo que estuda turismo é como um dos turistas que ele estuda? Qual é a relação entre o antropólogo e o turista?

Ao longo da história da antropologia sabemos da importância de missionários, viajantes e aventureiros na descrição etnográfica da alteridade. Mais tarde, o próprio antropólogo converteu-se em viajante e instrumento de produção do conhecimento antropológico. É com base nestas viagens de encontro, descoberta e confronto do olhar que a antropologia se foi construindo como ciência da diversidade sociocultural. Mas, nesse avanço, o antropólogo rejeitou e evitou o turismo e os turistas (Crick, 1995) e só tardiamente o turismo se converteu num objecto de estudo antropológico legitimado.

Hoje em dia, por um lado, os antropólogos são muitas vezes classificados pelos habitantes locais como um tipo de viajantes, mas também pelos próprios turistas como outro tipo de turistas. Por outro, antropólogos e turistas viajam ambos pela descoberta da alteridade, ainda que os seus contactos com os locais sejam realizados com objectivos e métodos diferentes. Os antropólogos costumam rejeitar a sua semelhança com os turistas, argumentando que a antropologia é um assunto “sério” e o turismo uma prática banal, o que faz com que, por vezes, os antropólogos se sentam superiores.

Isto tem levado a que muitos antropólogos tenham deixado de fora das suas etnografias o papel dos turistas e do turismo nas mudanças culturais dos contextos que estudam (Crick, 1995). Algo semelhante aconteceu no

passado, quando os antropólogos tentavam diferenciar-se de missionários e administradores coloniais, defendendo a ideia de que davam voz aos nativos, e deixando, nalguns casos, de analisar o papel dos ocidentais nos contextos estudados inicialmente pelos antropólogos. Em palavras de Edward Bruner (1989), o colonialismo, a etnografia clássica e o turismo são fenómenos de períodos históricos diferentes, mas têm origem na mesma formação social e são variantes da expansão do poder dominante.

Criticando esta atitude dos antropólogos de deixar o turismo fora dos seus estudos etnográficos, Malcolm Crick (1995) tem afirmado que, actualmente, para entender a política económica mundial, não se pode deixar de fora a análise do turismo internacional. Para este autor, no pós-colonialismo, antigos espaços coloniais são reconvertidos em espaços de recreação para os ocidentais que regressam na forma de turistas.

De acordo com Crick (1995), é hoje impossível pensar os antropólogos e os turistas como dois mundos separados. Antropólogos e turistas são dois arquétipos sociais, e, nalguns casos, o antropólogo actua como uma espécie de agente duplo, disfarçando-se de turista para compreender os turistas e as suas experiências. Os turistas são estranhos temporários noutras culturas, marginais que, quando regressam, contam as suas histórias e reforçam o seu estatuto, algo que, de certa forma, também caracteriza os antropólogos. Os antropólogos, ainda que persigam objectivos de cariz predominantemente científico, não estão isentos de certo romantismo, do mesmo modo que os turistas, e ambos são representantes dos outros nos seus escritos e imagens.

Se bem que os turistas tendam a ver a realidade sociocultural visitada como um espectáculo, os antropólogos tendem a ver a realidade sociocultural estudada para lá da vertente espectacular, procuram vê-la na sua complexidade significativa. As audiências dos turistas são outros turistas e quando regressam os seus familiares e amigos; as audiências dos antropólogos são também as mesmas que as dos turistas mas são também, os outros antropólogos e cientistas sociais. Mas, o que torna diferentes um antropólogo de um turista é a relação que o antropólogo estabelece com os informantes e o resultado final das suas experiências. Os turistas, quando regressam, contam contos e histórias da sua viagem, mostram fotografias e filmes, e contagiam a outros com o vírus turístico. Os antropólogos, quando regressam, escrevem relatórios e documentários científicos.

Do nosso ponto de vista, turismo e antropologia são duas formas de peregrinação na procura de sentidos (Delgado, 2002) já perdidos e pelos quais se manifesta certa nostalgia. Trata-se, nos dois casos, de “ter estado lá”, no sentido geertziano, isto é, uma viagem de ida e volta com certa incomodidade na qual é muito importante demonstrar ter viajado e encon-

trado o outro. Mas isto não significa a dissolução da antropologia no turismo e a queda das fronteiras entre ambas. Tanto antropólogos como turistas utilizam nas suas visitas mediadores culturais. No caso dos turistas são os guias e no caso dos antropólogos são os assistentes de terreno e/ou os tradutores, isto no caso daqueles que não pratiquem uma imersão total na cultura do outro estudado.

Numa expressão provavelmente exagerada, Malcolm Crick (1985) chegou a definir o antropólogo como um turista intelectual, parecendo esquecer as competências metodológicas e teóricas da antropologia. De modo distinto do turista, o antropólogo costuma adoptar no terreno um papel mais flexível do que o turista, e possui uma visão plural e holística sobre os cenários e contextos nos quais trabalha. É assim que o antropólogo acaba por integrar na sua observação os próprios turistas, não apenas os anfitriões, e os lugares turísticos (Cardeira da Silva, 2004). Em palavras de Edward M. Bruner, o turista é um voyeur de culturas, mas o antropólogo é um voyeur de culturas e de turistas (Bruner, 1995). Com E. M. Bruner (1995), é preciso lembrar o óbvio, que a antropologia é uma ciência e um trabalho, com o qual muitos de nós também desfrutamos, e o turismo é uma actividade comercial e um divertimento.

Antropólogo e turista são duas figuras sociais que, embora relacionadas, criam culturas antropológicas e culturas turísticas, e, ainda que se cruzem nos terrenos, um é objecto de estudo do outro, sendo que têm objectivos e métodos diferentes. Os turistas entendem e procuram a cultura como um produto (anteriormente etnografado pelos antropólogos, ou não). Pelo contrário, os antropólogos definem a cultura como um processo social e o turismo como um mecanismo de redefinição da mesma (Cardeira da Silva, 2004: 13).

2. Uma investigação em Kuna Yala (Panamá): objectivos, etapas e metodologia

Toda investigação antropológica obedece a preocupações intelectuais e pessoais, mas também a trajetórias biográficas concretas. O meu interesse pelo turismo nasceu em 1997, logo após ter concluído a minha tese de Doutoramento em Antropologia⁽¹⁾, quando trabalhava no Parque Etnográfico

⁽¹⁾ Uma parte da minha tese de Doutoramento em Antropologia está publicada em: Pereiro (2005).

de Alhariz (Galiza). Ali, tive que lidar com os turistas que visitavam o ecomuseu e o seu património cultural. Foi devido a eles que fui obrigado a fazer uma releitura do património cultural a partir do olhar dos turistas.

Anteriormente tinha realizado um curso de Doutoramento, em Santiago de Compostela, com Agustín Santana, antropólogo espanhol perito em Antropologia do Turismo, que me tinha alertado para a importância do turismo como novo mecanismo de mudança e produção cultural. No ano 1998, após um ano de docência na Licenciatura em Antropologia da Universidade Fernando Pessoa (Porto), comecei a trabalhar na Licenciatura em Antropologia Aplicada da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), no Pólo de Miranda do Douro e no ano 2000 comecei a leccionação da disciplina de Turismo Cultural na Licenciatura em Turismo do Pólo da UTAD em Chaves. Esta última actividade motivou-me fortemente para a reflexão teórica sobre o turismo e para o início de projectos de investigação nesta linha⁽²⁾.

No ano 2000, conheci o antropólogo kuna Cebaldo de León Inawinapi, que ministrou alguns seminários e palestras na UTAD, e que mais tarde me animou a preparar um projecto de investigação sobre o turismo étnico entre os kuna do Panamá. Este era um tema que, naquele terreno, não tinha sido abordado em profundidade desde os anos 1970.

As questões iniciais que guiaram o projecto de investigação passaram por descobrir qual a importância do turismo como motor de mudanças sociais e culturais, entre um grupo étnico que, tudo indicava, controlava politicamente o seu processo de desenvolvimento turístico. Os Kuna da República do Panamá são um grupo humano de aproximadamente 60.000 pessoas que habitam na costa atlântica do país (2500 quilómetros quadrados de floresta tropical), nas ilhas do arquipélago de Kuna Yala (integrado por 365 ilhas) e nos centros urbanos do Panamá. Os Kuna são um grupo humano muito estudado pelos antropólogos, pela sua forte autonomia política e pela sua resistência face à dominação política (Pereiro e Inawinapi, 2007).

Cebaldo de León Inawinapi abriu-me a possibilidade de iniciar um trabalho fora da Europa, algo que sempre me havia atraído, especialmente a oportunidade de experienciar pessoalmente as semelhanças e diferenças entre uma “antropologia em casa” e uma “antropologia fora da casa”. Acreditava que sair da Europa enriqueceria a minha reflexão e consciência da diversidade e a alteridade através de um choque cultural que eu consi-

⁽²⁾ Consultar a Web: www.utad.pt/~xperez/

derava inevitável e necessário. Outras razões para avançar com o projecto foram:

- a) O facto de Cebaldo Inawinapi ser o nosso potencial “porteiro” no terreno, o que alimentou e animou o nosso impulso. Este factor seria determinante no projecto, pois, na mediação com os Kuna, ele mediou na difícil autorização para investigar, no facilitar os contactos com as pessoas, alojamento, etc. Desta forma, diminuiria o tempo de integração e facilitaria uma melhor comunicação com os kunas.
- b) O nosso conhecimento da língua espanhola como língua ponte no trabalho de terreno. Ainda que os Kuna falem Kuna, também têm conhecimentos de espanhol e inglês.
- c) A relativa proximidade geográfica de Europa, aproximadamente oito horas de avião.
- d) O romantismo pela resistência dos Kuna face aos poderes dominantes (algo que interessa particularmente a este antropólogo de origem galega).
- e) O apoio profissional e familiar na “aventura” de orientar os interesses de investigação para outro terreno de investigação.
- f) O interesse pessoal em realizar uma etnografia do sistema turístico, num contexto da periferia geopolítica.

Os elementos que integraram inicialmente a equipa de investigação foram Cebaldo de León, Ana Rita Lopes e eu próprio. Em 2003, iniciámos o nosso projecto de investigação sobre o turismo kuna, naquilo que pode ser considerado como um trabalho em equipa e uma investigação colaborativa com os Kuna (Greenwood, 2000; 2002).

O estudo desenvolveu-se em sete fases. Após uma breve recolha bibliográfica e a resolução de questões práticas, em Setembro de 2003 iniciámos uma visita exploratória ao terreno com o objectivo de desenhar um projecto de investigação. Nessa visita exploratória, visitámos a cidade do Panamá e a zona de Gardi, a área mais turística de Kuna Yala (San Blas). Em breve iniciámos os primeiros contactos no terreno e pedimos autorização para desenvolver o nosso projecto às máximas autoridades kunas, representadas no Congresso Geral Kuna (CGK). Na primavera de 2004, Ana Rita Lopes regressou ao terreno para fazer trabalho de campo antropológico sobre os impactos do turismo de cruzeiros na ilha de Gardi Suitupu, que apresentou numa dissertação de Licenciatura em Antropologia (Lopes, 2004).

No Verão de 2004, realizei uma nova estadia de investigação no terreno que tinha como objectivo específico estudar as imagens que o sistema turístico tinha criado sobre os Kuna e os seus usos políticos. Nessa estadia, desenvolvemos uma intensa recolha bibliográfica e documental, visitámos projectos turísticos e realizamos entrevistas exploratórias e debates com empresários turísticos kunas.

Durante o verão de 2005, Cebaldo Inawinapi realizou uma nova estadia no terreno, trabalhando e analisando os impactos ambientais do turismo em Kuna Yala, contactando com as comunidades e pesquisando a sua percepção do turismo.

Durante o ano 2006, Cebaldo Inawinapi e eu próprio realizámos um estudo exaustivo sobre a oferta turística de Kuna Yala. Realizámos observação participante extensiva em todos os projectos turísticos hoteleiros (mais de 20) e entrevistámos os seus promotores, os trabalhadores dos projectos hoteleiros, os turistas e os “sailas” (ou chefes) de cada comunidade com projectos turísticos. Também construímos relatos de vida e censos dos projectos turísticos e dos turistas.

Esta etnografia multisituada obrigou-nos a percorrer cerca de 200 quilómetros em “cayuco” (barco pequeno), recolhidos em cerca de 25 horas de gravações audiovisuais. Além disso, e ainda na última estadia, participámos em grupos de debate com a Associação de Empresários Turísticos Kunas e a Comissão de Turismo do Congresso Geral Kuna, realizámos consultas com especialistas kunas e recolhemos material documental e estatístico, principalmente na cidade do Panamá.

Como ficou patente e no que respeita à metodologia, seguimos um enfoque de investigação misto, com predomínio da abordagem qualitativa. Neste enfoque metodológico, cruzámos, fundamentalmente, duas estratégias de investigação (Pujadas, 1992; Velasco y Díaz de Rada, 1997; Quivi, R. y Van Campenhoudt, 1998; Roigé et al., 1999; Da Silva, 2003; Hernández Sampieri et al., 2006):

- a) Trabalho documental bibliográfico e de arquivo.
- b) Trabalho de campo antropológico, com base em observação participante, antropologia audiovisual e entrevistas.

Penso que adoptar este cruzamento metodológico nos tem permitido, até o momento, e no caso desta investigação com o turismo kuna, realizar uma antropologia histórica do turismo mais aprofundada e construir uma etnografia com uma boa base empírica que nos permitirá chegar a interpre-

tações e conclusões mais fiáveis e rigorosas sobre os sentidos e significados do sistema turístico em acção, os seus processos e as posições dos seus protagonistas.

Além disso, o conjunto de informações reunido poderá ser estudado por outros investigadores, de acordo com outros quadros teóricos e analíticos. De modo idêntico, mas não menos importante, também os próprios Kunas poderão analisar e reinterpretar aquele conjunto de dados. Relativamente a esta última situação, é de sublinhar como, por exemplo, no Outono de 2006, escrevemos um primeiro relatório etnográfico de investigação que teve como destinatários o Congresso Geral Kuna e a Associação de Empresários Turísticos Kunas.

3. Antropólogos e turismo: impactos multifacetados

No campo do turismo, a distância entre a antropologia teórica e a antropologia aplicada pode tornar-se muito curta, havendo assim lugar para investigações de forte impacto social, às vezes imediato. Esta reflexão gera desassossego em antropólogos que pensam o seu trabalho como um exercício exclusivamente teórico separado da prática e da praxis antropológica. Mas, no meu ponto de vista, teoria e prática, teoria e aplicação (aplicabilidade), teoria e implicação, estão mais próximos do que, por vezes, os antropólogos costumam admitir. Qualquer que seja o papel que adoptemos - investigador, consultor, assessor, mediador, guia, turista, professor, estudante, planificador, promotor turístico, etc., - o problema da relação entre teoria e prática e os problemas inerentes estarão sempre presentes.

De facto, ao longo do nosso trabalho, foi interessante e gratificante observar como o nosso projecto de investigação começou desde o início a despertar interesse nas próprias comunidades kunas, na Associação de Empresários Turísticos, no IPAT (Instituto Panamenho de Turismo), na Escola de Agro-ecoturismo de Ustupu e nalgumas agências de viagem. Todos eles viam o nosso projecto desde os ganhos potenciais que poderiam tirar dele: formação, assessoria, recomendações, publicidade turística, consultoria estratégica, etc. Em todo caso, sempre sublinhámos que o nosso objectivo era conhecer, investigar e produzir conhecimento. Claro está que a mesma produção de conhecimento é feita em quadros sociais e políticos relacionais face aos quais tentámos estabelecer uma lente crítica que nos permitisse compreender melhor o problema de investigação.

Ou seja, de vários modos, a nossa investigação serviu de orientação para autoridades e empresários turísticos kunas poderem repensar e redefinir melhor o futuro do turismo em Kuna Yala. Assim, e como já escrito acima, o nosso primeiro relatório foi utilizado pelos Kunas em congressos comunitários sobre o turismo e nos seus debates internos. Podemos dizer, então, que esta foi (é) uma situação/investigação em que a produção de conhecimento antropológico não se construiu fora de quadros sociais relacionais e de agendas políticas. Partimos do pressuposto de que, não sendo o único, o turismo é um dos motores de mudança sociocultural que pode provocar efeitos positivos e negativos sobre as comunidades locais e os turistas. Nesta sequência, a investigação antropológica sobre sistemas turísticos pode ajudar a identificar e corrigir os eventuais efeitos negativos, e, igualmente, pode contribuir para a edificação de um turismo responsável do ponto de vista social e ambiental (Gascón e Cañada, 2005).

De destacar também como os sucessivos resultados do nosso projecto de investigação científica tiveram uma viagem de ida e outra de volta, isto é, o nosso trabalho não apenas serviu de espelho aos Kunas, mas também aos europeus e ocidentais⁽³⁾. A recepção por parte da academia, no ocidente, foi de todo positiva, acabando esta investigação por obter o primeiro prémio de investigação em turismo da FITUR 2007 (Pereiro e Inawinapi, 2007) e outro prémio da National Geographic Society, o que nos vai permitir continuar o projecto. Estes reconhecimentos permitem várias leituras, mas uma delas é que o próprio sistema turístico pós-fordista está interessado em fragmentar o mercado e encontrar novos destinos alternativos para novos nichos de procura turística. Sem que tal tivesse sido inicialmente previsto, pensamos que o nosso trabalho de investigação vai ao encontro desses interesses. Outra leitura possível, já reiterada, é que falar do turismo kuna pode parecer algo longínquo e diferente, mas pelo contrário, o turismo kuna serviu aos leitores do nosso trabalho como espelho das suas próprias realidades e como interpretação das novas relações local-global promovidas pelo turismo.

Erve Chambers (2005: 27) colocou a reflexão sobre se a antropologia do turismo pode ajudar-nos a ser melhores viajantes. Penso que este tipo de

⁽³⁾ Os avanços do projecto foram apresentados no 4.º congresso da Associação Portuguesa de Antropologia que teve lugar em Lisboa, em Abril de 2006, nos Seminários do CETRAD (UTAD), em Julho de 2006, no Congresso Mundial de Americanistas que teve lugar em Sevilha, também em Julho de 2006, no curso de Mestrado em Turismo da Universidade de Vigo (Galiza), em 2006-2007, e na Feira Internacional de Turismo (FITUR), em Madrid, em Janeiro de 2007.

investigações, estribadas na participação das comunidades envolvidas pelo turismo e em princípios éticos determinados, pode ajudar-nos a todos a ser melhores viajeros e turistas mais responsáveis, a desmascarar os interesses e estratégias de muitos sistemas turísticos e a planificar estratégias turísticas melhores. Cremos, assim, e a partir da nossa experiência, que o trabalho do antropólogo que pesquisa sobre turismo pode ter um importante papel na mediação com os actores envolvidos nos processos de desenvolvimento turístico.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BRUNER, E. M. (1989): "Of cannibals, tourists and ethnographers", em *Cultural Anthropology* n.º 4, pp. 438-445.
- BRUNER, E. M. (1995): "The Ethnographer/Tourist in Indonesia", em Lanfant, M.-F.; Allcock, J. B. e Bruner, E. M. (eds.): *International Tourism. Identity and Change*. London: Sage, pp. 224-241.
- CHAMBERS, E. (2005): "Can the anthropology of tourism make us better travelers?", em Wallace, T. (ed.) (2005): *Tourism and Applied Anthropologists. Linking Theory and Practice*. Arlington: NAPA Bulletin 23, pp. 27-44.
- CARDEIRA DA SILVA, M. (coord.) (2004): *Outros Trópicos. Novos destinos turísticos. Novos terrenos da antropologia*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CRICK, M. (1985): "Tracing the anthropological self: Quizzical Reflections on Field Work, Tourism and the Ludic", em *Social Analyses* n.º 17, pp. 71-92.
- CRICK, M. (1995): "The Anthropologist as Tourist: an Identity in Question", em Lanfant, M.-F.; Allcock, J. B.; Bruner, E. M. (eds.): *International tourism. Identity and Change*. London: Sage, pp. 205-223.
- DA SILVA RIBEIRO, J. (2003): *Métodos e técnicas de investigação em antropologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- DELGADO RUÍZ, M. (2002): *Disoluciones urbanas*. Medellín: Universidad de Antioquía.
- GASCÓN, J. E CAÑADA, E. (2005): *Viajar a todo tren. Turismo, desarrollo y sostenibilidad*. Barcelona: Icaria.
- GREENWOOD, D. J. (2000): "De la observación a la investigación-acción participativa: una visión crítica de las prácticas antropológicas", em *Revista de Antropología Social*, n.º 9, 27-49.

- GREENWOOD, D. J. (2002): "Aplicar o no aplicar: per què l'antropologia i les ciències socials no poden existir sense l'acció", em Revista d'etnologia de Catalunya, n.º 20, pp. 6-11.
- HERNÁNDEZ SAMPIERI, R.; FERNÁNDEZ-COLLADO, C.; BAPTISTA LUCIO, P. (2006): Metodología de la investigación. México: McGraw-Hill.
- LOPES, A. R. (2004): O turismo e os seus impactos numa comunidade de índios kuna do Panamá. Miranda do Douro: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (tese de licenciatura inédita).
- PEREIRO, X. (2005): Galegos de vila. Antropoloxía dun espazo rurano. Santiago de Compostela: Editorial Sotelo Blanco.
- PEREIRO, X. E INAWINAPI, C. (2007): Los impactos del turismo en Kuna Yala. Turismo y cultura entre los kuna de Panamá. Madrid: Editorial Ramón Areces.
- PUJADAS MUÑOZ, J. J. (1992): El método biográfico: El uso de las historias de vida en ciencias sociales. Madrid: CIS.
- QUIVI, R. E VAN CAMPENHOUDT, L. (1998, or. 1995): Manual de investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.
- ROIGÉ I VENTURA, X.; ESTRADA I BONELL, F. E BELTRÁN COSTA, O (1999): Tècniques d'investigació en antropologia social. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- VELASCO, H. E DÍAZ DE RADA, A (1997): *La lógica de la investigación etnográfica. Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela.* Madrid: Trotta.
- WALLACE, T. (ed.) (2005): Tourism and Applied Anthropologists. Linking Theory and Practice. Arlington: NAPA Bulletin 23.